

“NOS BARES DA RUA ARAÚJO ERA FÁCIL ENGATAR MILITARES, SOBRETUDO MARINHEIROS”: VIVÊNCIAS E SOCIABILIDADES HOMOERÓTICAS EM MOÇAMBIQUE COLONIAL

Entrevista com Eduardo Pitta, por Gustavo Gomes da Costa Santos¹

As primeiras décadas do século XXI têm presenciado o recrudescimento da perseguição de lésbicas e gays em diversos países da África subsaariana. Em muitos deles, a exemplo de Camarões, Nigéria e Uganda, o Estado tem se utilizado de legislações herdadas do período de domínio colonial para punir adultos que tem relações sexuais com outros do mesmo sexo (mesmo consentidas), vistas como alheias e ameaçadoras da tradição e cultura africanas (LENNOX; WAITES, 2006). No caso particular de Uganda, parlamentares apoiados por redes de igrejas protestantes estadunidenses² lograram aprovar o aumento das penas contra a homossexualidade, que podem, em alguns casos (se um dos envolvidos for portador do vírus HIV) chegar até a prisão perpétua. Destoando da tendência à criminalização das práticas sexuais temos a África do Sul, país que, em 1996, após décadas de segregação racial institucionalizada,

¹ Entrevista realizada em 15 de março de 2018.

² O documentário “Missionários do ódio” (2010), produção da *Current TV* e apresentado por Mariana van Zeller, explora a ação de missionários estadunidense na disseminação de discurso de ódio contra homossexuais em Uganda (Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=USTxYftrX4>. Acesso em 20.03.2018)

foi o primeiro no planeta a proibir a discriminação baseada na orientação sexual (GOMES DA COSTA SANTOS, 2013). Desde então, o país tem avançado na produção de uma legislação favorável a população de lésbicas, gays, bissexuais e transgêneros (LGBT), embora ainda sejam frequentes os casos de violência LGBTfóbica e de disseminação de discursos de ódio que condenam a homossexualidade como algo “não-africano” (*unAfrican*) (GOMES DA COSTA SANTOS, 2012).

Outro caso que destoa do contexto de aumento da perseguição a lésbicas e gays no continente africano é Moçambique. Sob domínio português até 1975, Moçambique herdou também, do tempo colonial, a punição para aqueles que se entregassem aos chamados “vícios contra a natureza”, inserida no código penal português em 1954. Contudo, ao contrário de outras ex-colônias inglesas, Moçambique aboliu tal previsão, quando da aprovação do novo código penal em 2014, além de ter aprovado, em 2007, uma lei do trabalho que proíbe a discriminação por orientação sexual. Se, por um lado, não se observa a perseguição estatal à população LGBT, por outro temos uma situação de ausência de apoio estatal à promoção dos direitos LGBT. Fundada em 2008, a Lambda, única associação moçambicana de defesa dos direitos LGBT, trava uma árdua batalha com o governo para ser reconhecida como associação civil (TSANDZANA, 2017), apontando para as dificuldades de promover os direitos sexuais de LGBT no contexto africano.

Na busca por documentação e relatos acerca das relações entre pessoas do mesmo sexo nos arquivos históricos do período colonial localizados em Portugal, tive contato com a obra do escritor, ensaísta e poeta português Eduardo Pitta. Em uma tarde chuvosa de inverno lisboeta, tive a oportunidade de conversar com o escritor sobre suas vivências e experiências homoeróticas em Moçambique sobre domínio português.

Nascido em Maputo (então Lourenço Marques) em 1949, Pitta é a memória viva de uma rede de sociabilidade e de trocas amorosas entre pessoas do mesmo sexo que pulsava em festas, encontros de amigos, bares e cabarés na capital da então província ultramarina portuguesa, a despeito do “silêncio ensurdecedor” da moralidade conservadora católica e da repressão política do salazarismo (e seu braço repressivo, representado pela temida PIDE³). Pitta também foi personagem daquele que talvez tenha sido o único caso de repressão da homossexualidade pelas autoridades portuguesas de que se tem notícia em Moçambique pré-independência, (narrado, em formato de ficção, em seu livro *Persona de 2000*⁴), ocorrido em 1971, resultando no suicídio de um dos envolvidos⁵. Nos salões espelhados da famosa Pastelaria Versalhes, Pitta compartilhou gentilmente de sua história de vida, possibilitando a publicação do relato de uma fase importante da história moçambicana que talvez muitos outrora (e talvez mesmo hoje) quisessem deixar olvidados nas alcovas do passado.

Gustavo Gomes da Costa: Eduardo, acho que podemos começar a entrevista com algumas informações sobre sua origem, sua família, sua formação (p.e a escola que frequentou), local de morada e outras informações que você achar relevantes. A ideia é poder situar, do ponto de vista sociológico, o seu depoimento.

Eduardo Pitta — Nasci em Lourenço Marques no apogeu da época colonial. Você talvez não saiba, mas a cidade conservou o nome até Março de 1976. Vivia na Polana, um bairro da parte alta da cidade, cheio de acácias e

³ Criada pelo Estado Novo português em 1945, a Polícia Internacional e de Defesa do Estado/ Direcção Geral de Segurança (PIDE/DGS) era o órgão responsável pelas ações de segurança e de repressão aos opositores do regime salazarista. Em 1957, passou a atuar nas províncias ultramarinas, tendo como foco de sua atuação a repressão aos movimentos de libertação nacional (NEWITT, 1981).

⁴ O livro foi reeditado em 2007.

⁵ Pitta também relata o episódio em seu livro de memórias “Um rapaz a arder” de 2013.

jacarandás, não distante da praia. Vim para Portugal em Novembro de 1975, cinco meses depois da independência de Moçambique, porque o regime, nessa época maoísta, perseguia os homossexuais. Fui preso na noite de 30 de Outubro de 1975 por ter o cabelo comprido! A blitz visou amedrontar os portugueses que permaneciam no país, mas a FRELIMO aproveitou para purgar todos os que fugiam à norma. Estive preso apenas 14 horas porque minha mãe conhecia as pessoas certas. Caso contrário, teria ido parar a um campo de reeducação⁶. Perseguir homossexuais porque sim, foi coisa que, em Moçambique, nem o regime colonial-fascista ousou. Houve o processo da homossexualidade nas Forças Armadas, entre 1971 e 73, mas foi uma ação corporativa. Sinistro, mas confinado ao universo militar. Minha origem? Família de classe média, radicada na Colônia desde o fim do século XIX. Meus pais divorciaram-se quando eu tinha 4 anos. Na escola, por ser ‘diferente’, sofri bullying. O termo não existia nos anos 60, mas a prática sim. Os adolescentes são cruéis. Por essa razão, só fiz o secundário. Podia ter continuado mais tarde, mas uma mistura de desleixo e preguiça levaram a melhor. Voltando aos anos de crescimento, fui educado, como todos os naturais de Moçambique, pela cartilha ‘sul-africana’. Portugal ficava do outro lado do mundo, e Moçambique faz fronteira com seis países de língua inglesa. A influência da África do Sul era determinante. Ao *breakfast* comíamos *porridge* (papas de aveia). Por alguma razão Moçambique integra hoje o *Commonwealth*. Um dos jornais mais antigos da cidade, o “Diário”, chamou-se “Lourenço Marques Guardian” até 1943, ano em que passou a ser redigido em português e teve de mudar de título. Na década de 1930, nas

⁶ Criados em 1973 como parte da estratégia da FRELIMO para desenvolver o “homem novo”, os campos de reeducação foram caracterizados pela imposição de trabalhos forçados e outras práticas repressivas contra aqueles vistos pelo movimento como “indesejáveis” (prostitutas, vadios, colaboracionistas, etc.). As experiências dos campos de educação são ainda um dos episódios mais polêmicos (e, por isso, ainda pouco estudados) da história moçambicana. O romance “Campo de trânsito” do historiador e escritor moçambicano João Paulo Borges Coelho publicado em 2007 aborda a temática dos campos de reeducação. Para uma análise histórico-antropológicas dos campos, vide Thomaz, 2008.

lojas, restaurantes, bares, hotéis, casinos, circulavam informalmente duas moedas, a portuguesa e a sul-africana.

Gustavo Gomes da Costa: Gostaria que você falasse um pouco mais sobre o episódio de perseguição contra homossexuais no exército português ocorrido em 1971, relatado no conto “Pesadelo” do livro “Persona”. Os acontecimentos narrados foram reais, certo?

Eduardo Pitta: O processo n.º 1/808/71 começou em Janeiro de 1971, e terminou, arquivado, em Dezembro de 1973. Mas nesses três anos muitos rapazes viram as suas vidas destróçadas. Foi uma manobra da Polícia Militar do Exército, que rapidamente se estendeu à Marinha e Força Aérea. O pretexto foi um assalto forjado ao quarto de dois homossexuais. Isso deu origem a uma devassa de correspondência. E a devassa deu origem a interrogatórios, prisões e prolongamento do tempo de serviço militar. Terrível. Infelizmente, os factos narrados no terceiro conto de “Persona” são reais. Esse conto chama-se “Pesadelo”, nem podia chamar-se de outra maneira. A polícia política, a PIDE, foi chamada a intervir. Sabe porquê? Porque nós, os homossexuais, podíamos ser alvos fáceis do inimigo, por via de sedução homossexual. Completo absurdo! Fui interrogado duas vezes pela PIDE durante os 57 dias em que estive preso sem culpa formada. Em 2009, quando estava a investigar para a escrita do livro “Homossexuais no Estado Novo”, a jornalista São José Almeida foi informada, por um oficial general, de que o processo das Forças Armadas tinha sido queimado na fase da descolonização. Felizmente sobrou o da PIDE, que está depositado no Centro de Documentação 25 de Abril, da Universidade de Coimbra.

Gustavo Gomes da Costa: Em “Pesadelo”, você menciona alguns locais

de encontro e de sociabilidade entre pessoas do mesmo sexo na Lourenço Marques das décadas de 1960 e 1970. Você poderia falar mais desses locais, descrevendo a localização, ano provável de fundação, público frequentador, principais atrações? Além disso, gostaria de saber sobre as festas privadas, quem as frequentavam, o que “rolava”. Pelo narrado no seu conto, as festas eram centrais para as redes de sociabilidades homossexuais na Lourenço Marques das décadas de 60 e 70, correto?

Eduardo Pitta — A minha entrada na *gay scene* ocorreu em 1965, o ano em que fiz 16 anos. Verdade que meu *coming out* era anterior, mas só em 1965 comecei a frequentar *gay parties* e os bares onde se faziam engates⁷, como eram o Egípcio e o MusicBar, ambos no Prédio Rubi⁸. Um em cima do outro [...] O Egípcio ficava por cima, ao nível do lobby de entrada, enquanto o MusicBar ficava na cave. No Egípcio só entravam homens, no MusicBar também entravam mulheres, a maioria lésbicas. Na época, o Egípcio foi uma novidade. A iluminação indireta, muito ténue, provocava a sensação de escuridão a quem entrava. O balcão do bar estava metido num quadrado de piso rebaixado, como se fosse uma piscina. Em volta, as mesas estavam separadas por pequenos muros, criando ‘ilhas’ onde cabiam, em cada uma, oito a dez clientes. A decoração, claro, era o mais egípcia possível [...] O Egípcio e o MusicBar eram, como agora se diz, bares de primeira hora. Depois da uma da manhã ia-se para a Rua Araújo, a denominada ‘Rua do Pecado’, onde existiam talvez vinte bares e meia dúzia de nightclubs, metade dos quais tinham shows de travesti. Foi lá que conheci as brasileiras Rogéria e Belinda. Não sou do tempo dos casinos, que fecharam em 1942.

⁷ Gíria gay portuguesa para “paquera”.

⁸ Ícone da arquitetura modernista da década de 1950, o edifício Rubi fica localizado na esquina das atuais Avenida Samora Machel e Rua Joaquim Lapa, na baixa de Maputo. As referências aos locais e ruas citados na entrevistas (e seus correspondentes atuais) foram obtidas nos blogs “The Delagoa Bay World” (Disponível em <https://delagoabayworld.wordpress.com/>) e “Houses of Maputo” (Disponível em <http://housesofmaputo.blogspot.co.uk/>) (Acesso em 20.03.2018).

Nos bares da Rua Araújo⁹ era fácil engatar militares, sobretudo marinheiros, que tinham o porto ali ao lado. Nos anos 60 e 70 o travesti tornou-se muito popular, mesmo entre heterossexuais. Mais do que o *striptease* feminino. Quando *Christine Keeler* atuou na exclusiva boíte do Hotel Polana, fez menos sucesso que a Rogéria [...] E depois havia os *gay parties*. Todos os sábados alguém dava uma festa. As mais famosas eram as de Guilherme de Melo e Gerry Wilmot, que era o diretor da secção inglesa do Rádio Clube de Moçambique. A diferença entre as festas de um e de outro era que Guilherme de Melo tinha sempre militares heteros entre os convidados, enquanto Gerry tinha sul-africanos da comunidade gay, que vinham de Joanesburgo e Durban. Como a sua casa era na Catembe, do outro lado da baía, um “gasolina”¹⁰ trabalhava toda a noite para levar e trazer rapazes. Não havia mulheres nestas festas. Foi, de certo modo, uma época gloriosa. Mas acabou. No processo militar de 1971, fotos destas festas, roubadas na devassa de correspondência, foram usadas pela acusação.

Entrevistador: Eram comuns os shows de travestis no Cabaret Tamila da Rua Araújo? É verdade que travestis brasileiras faziam apresentações lá? Quem frequentavam esses shows?

Eduardo Pitta — Havia shows de travesti em todos, mas sobretudo no [Cabaret] Tamila, no Aquário [Dancing]¹¹ e na Cave, embora a Cave fosse noutra rua, a Consiglieri Pedroso¹², uma paralela da Rua do Pecado [...] Rogéria, que ainda não era um ícone, começou num *nightclub* da Beira, o *Moulin Rouge*, no fim dos anos 60, mas onde arrasou mesmo foi no

⁹ Atual Rua do Bangamoyo, localizada na Baixa de Maputo.

¹⁰ Pequeno barco movido à gasolina que realizava a travessia entre Lourenço Marques e a praia da Catembe, localizada do lado sul da então baía de Delagoa (atual Baía de Maputo).

¹¹ O Tamila e o Aquário localizavam-se na Rua Araújo, atual Rua do Bangamoyo.

¹² Próximo à então Praça MacMahon, atual Praça dos Trabalhadores.

Aquário. Belinda, outro travesti brasileiro, também atuou cerca de dois anos no Aquário. O Tamila abriu já nos anos 70, os outros vinham da década dourada dos anos 30, quando a Rua Araújo tinha casinos e o Teatro Varieté apresentava récitas de ópera. A novidade foi que o Tamila conseguiu captar outro tipo de clientes, como intelectuais de esquerda, casais de classe média alta e socialites que até então só frequentavam as boîtes da parte alta da cidade. Por causa do Tamila, desceram ao *downtown* [...] A casa organizava todos os anos um concurso de travestis, e em 1974 até fiz parte do júri [...] A maioria dos frequentadores era composta por rapazes brancos, com vinte e poucos anos. Era muito divertido. Nos *nightclubs* só havia brancos e mestiços assimilados. A miscigenação total ocorria nos bares, onde brancos e negros curtiam juntos, com muitos sul-africanos à mistura. Curioso, pode ser da minha memória, mas não recordo a presença de indianos e chineses na Rua Araújo. E eram duas comunidades importantes.

Entrevistador: Pelo que você narra, parece-nos que as redes de sociabilidade homoeróticas de Lourenço Marques eram um exclusivo e fechado mundo de brancos, certo? Pelo visto a ideia de uma África portuguesa caracterizada pela convivência harmônica das diferentes raças apregoada na ideia de lusotropicalismo elaborada por Gilberto Freyre e, em certo momento, abraçada com entusiasmo pela administração salazarista, nada mais era do que o mito.

Eduardo Pitta — Puro mito. O facto de não existir apartheid institucional como na África do Sul daqueles anos, os anos da política do desenvolvimento separado, não significava que não houvesse racismo. Dou um exemplo simples. Antes da independência, em Junho de 1975, nunca vi um negro no cinema, num restaurante, numa esplanada, na

praia [...] Nem na praia da Catembe, do outro lado da baía. As escolas do ensino público admitiam alunos negros, claro que sim; mas depois, na vida social, eram ‘invisíveis’. O lusotropicalismo é uma falácia para inglês ver [...] O racismo estava interiorizado a tal ponto que a culinária não refletia os costumes da negritude. Veja que o nosso prato ‘nacional’ era o curry [...] Resquício do tempo em que Moçambique era governado a partir de Goa. Tudo isso marcou gerações de rapazes e raparigas. Num país com 29 milhões de habitantes, os brancos não chegavam a 300 mil, mas eram eles que dominavam. A chamada maioria silenciosa considerava-se investida de poder natural...

Entrevistador: Mas não havia “encontros” interracialiais entre brancos e negros, por exemplo, via prostituição e outras relações sexuais mediadas por trocas monetárias (a exemplo dos Taxi-boys)?

Eduardo Pitta — Presumo que sim. Mas no meu círculo de relações não tive conhecimento de nenhum caso concreto. Mesmo no Scala¹³, o magnífico café vienense da Baixa da cidade, e epicentro do convívio interclasses, isso não acontecia. Não havendo negros entre os clientes, não acontecia. O Scala estava acoplado ao cinema do mesmo nome, e tinha um urinol muito frequentado por homossexuais, mas nunca lá vi nenhum negro. A partir da guerra colonial e da chegada dos contingentes militares vindos de Portugal, a prostituição masculina disparou. Mas eram rapazes brancos. Era impensável um homem branco pagar para ter sexo com um homem negro. O contrário acontecia, os “heteros” iam às pretas, e pagavam. “Vamos às pretas” era um estribilho machista. Guilherme de Melo, de quem fui amigo durante cinquenta anos, contou-me um dia ter

¹³ Localizado na atual Avenida 25 de Setembro, perto da esquina com a Avenida Samora Machel.

tido aventuras com jovens negros [...] quando era rapaz. Mas não era prostituição. Aliás, fala disso num dos seus livros¹⁴.

Entrevistador: Além do ocorrido em 1971, havia, por parte da administração colonial portuguesa, a perseguição contra homossexuais? Você lembra de algum caso ou episódio de pessoas sendo enquadradas ou julgadas em virtude de praticarem o chamado “vício contra a natureza”? Muitos autores, a exemplo de Antônio Cascais e São José Almeida, falam de uma atmosfera de relativa liberdade nas colônias, se comparada à metrópole.

Eduardo Pitta — Não conheço nenhum caso de perseguição policial por essa estrita razão. Nem, que eu saiba, há fontes escritas que o atestem. Quando era miúdo, ouvi falar de dois casos em que os envolvidos ocupavam cargos de relevo, um nas esferas do poder, outro numa grande empresa. Foram discretamente enviados para Portugal. Mas o que estava em jogo eram as aparências, nenhum envolveu polícia. E estamos a falar do princípio dos anos 50, mais tarde as aparências eram mais elásticas [...] Veja que o Guilherme de Melo era um homossexual público e frequentava o Palácio do Governo. Não, o Estado, em Moçambique, não se metia em costumes.

Entrevistador: No conto Kalahari, Afonso, personagem principal de Persona, tem um romance com um sul-africano. É verdade que havia o trânsito de gays e lésbicas entre Moçambique e a África do Sul? A imprensa laurentina mencionava muito a presença de turistas sul-africanos em Moçambique, que iam em busca das praias e do calor, mas também, suponho, de certa liberdade e alívio da repressão aos costumes da estrita moral protestante e racista.

¹⁴ Aqui Eduardo Pitta refere-se ao livro “A sombra dos dias”, publicado em 1981, no qual o escritor narra suas vivências, com especial ênfase à temática da homossexualidade.

Eduardo Pitta — Como disse atrás, as festas de Gerry Wilmot foram um catalizador de encontros com sul-africanos. Eu próprio tive um namorado bôer¹⁵, que conheci noutra círculo, mas com quem também fui a casa do Gerry. Lourenço Marques fica a 600 quilómetros de Joanesburgo, são 12 horas de comboio ou 50 minutos de avião. Ia-se lá com regularidade. Joanesburgo era a nossa Paris [...] E, nos anos 60, já tinha saunas e clubes gay. Mas a primeira vez que entrei num clube gay foi em Durban, em Abril de 1968, o *Candy Room Club*, ‘members only’¹⁶ [...] Ainda não existia o conceito de discoteca, o *Candy Room* era uma boíte elegante [...]

Entrevistador: Para finalizar gostaria de perguntar sobre se havia, nas tuas redes de sociabilidade gays, pessoas envolvidas no movimento pela independência de Moçambique. Na tua opinião, qual era a postura da FRELIMO em relação à homossexualidade?

Eduardo Pitta — Tinha vários amigos comprometidos com a causa da independência, não tanto com a FRELIMO. Mas nenhum gay. A comunidade gay era conservadora. No 25 de Junho de 1975, o dia da independência, nenhum dos meus amigos gays estava em Lourenço Marques. A maioria tinha ido para Joanesburgo, Cape Town e Lisboa. Comigo estava só o Jorge, com quem vivo desde 1972, e que viria a tornar-se meu marido. Fui ingénuo por não ter percebido que a FRELIMO nos ia perseguir. É sintomático o episódio de que falei há pouco sobre a minha prisão na noite de 30 de Outubro de 1975. Eu era conhecido porque já tinha um livro publicado e escrevia na imprensa. Foi um português branco que me mandou para o grupo

¹⁵ Termo utilizado para se referir à população Africâner, de origem holandesa, radicados na África do Sul a partir de meados do século XVII.

¹⁶ Muitos locais de sociabilidade homoerótica na África do Sul eram de acesso restrito a pessoas previamente registradas. Essa era uma das estratégias para evitar o assédio policial e eventuais processos legais contra os frequentadores, uma vez que a homossexualidade era considerada crime no país durante o período de vigência do Apartheid (GEVISSER, 1995).

dos marginais, homens de cabelo comprido e mulheres de saias curtas [...] Esse homem conhecia-me, chamava-se Jorge Manuel Antunes da Costa. Dirigia o temido SNASP, o Serviço Nacional de Segurança Popular, a versão maoísta da PIDE. Aproveitou a blitz para mandar rapazes e raparigas para o campo de Nachingwea, na Tanzânia. Acabou assassinado em Joanesburgo. Até 1993, a FRELIMO foi um partido maoísta. Ironia trágica, mudaram o nome da Rua Araújo para Rua do Bagamoyo, o nome de um campo de reeducação.

Entrevistador: Tenho certeza de que o teu relato constitui a memória fundamental para entender um capítulo ainda bastante silenciado da história de Moçambique que precisa ser debatido não só na academia mas também na opinião pública. Muito obrigado!

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, São José. *Homossexuais no Estado Novo*. Lisboa, Sextante Editora, 2010.

COELHO, João Paulo Borges. *Campos de trânsito*. Lisboa, Editorial Caminho, 2007.

GEVISSER, Mark. e CAMERON, Edwin. (org.). *Defiant desire: gay and lesbian lives in South Africa*. New York, Routledge, 1995.

GOMES DA COSTA SANTOS, Gustavo. Decriminalising homosexuality in Africa: lessons from the South African experience. In: Lennox, Corinne; Waites, Matthew (ed.) *Human Rights, Sexual Orientation and Gender Identity in The Commonwealth: Struggles for Decriminalisation and Change*. London, Human Rights Consortium, Institute of Commonwealth Studies, 2013.

GOMES DA COSTA SANTOS, Gustavo. Cidadania e direitos sexuais na África do Sul: reflexões sobre o reconhecimento legal das uniões entre pessoas do mesmo sexo. *Sociedade e Cultura*, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 319-329, jul./dez. 2012.

LENNOX, Corinne; WAITES, Matthew. Direitos humanos, orientação sexual e identidade de gênero na Commonwealth: da história e do Direito ao desenvolvimento de diálogos e ativismos transnacionais. *Estudos de Sociologia*, Recife, Vol. 2 n. 22, 21-117, 2016.

MELO, Guilherme de. *A sombra dos dias*. Lisboa, Livraria Bertrand, 1981.

NEWITT, Malyn. *Portugal in Africa: the last hundred years*. London, C. Hurst & Co, 1981.

PITTA, Eduardo. *Um rapaz a arder: memórias 1975-2001*. Lisboa, Quetzal Editores, 2013.

_____. *Persona*. Lisboa, Quidnovi, 2007.

THOMAZ, Omar Ribeiro. “Escravos sem dono”: a experiência social dos campos de trabalho em Moçambique no período socialista”. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, V. 51 N° 1, 2008.

TSANDZANA, Dércio. “Após 10 anos de batalha judicial, única associação LGBT de Moçambique pode estar mais próxima da legalização”. *Global Voices*, 23.11.2017. Disponível em (<https://pt.globalvoices.org/2017/11/23/apos-10-anos-de-batalha-judicial-unica-associacao-lgbt-de-mocambique-pode-estar-mais-proxima-da-legalizacao/>). Acesso em 20.03.2018.